

FCPF MAGAZINE #107



LIGA PORTUGAL MEU SUPER - J8 - 13 OUT 2024 - 18:00

EDITORIAL POR PAULO GONÇALVES

Os fortes ventos e marés pelos quais navegamos nos últimos tempos têm tornado mais difícil a missão da equipa – mas são essas ondas adversas que estamos a transformar em energia motivadora de quem almeja a honra e o sucesso das nossas cores.

A vitória alcançada na última partida em Oliveira de Azeméis teve tanto de simbólico – nesse sentido – como de vital importância para o futuro da equipa na Liga 2. Entrar em campo na última posição da prova não foi óbice a um começo forte na partida, que rendeu os dois golos que decidiram o jogo. Um sinal claro de que os atletas não se reveem na classificação atual e que, com estabilidade emocional, têm todas as condições para elevar o Paços a patamares mais condizentes com a sua história na competição. Após cinco jogos sem saborear o triunfo, a partida com a Oliveirense foi o ponto de partida para uma nova etapa do Clube. O resultado foi perfeito para a autoestima dos atletas, e o espírito de grupo com que a vantagem foi agarrada, até à consumação final da vitória, é o sinal claro de que em campo há só um Paços.

Um aplauso àqueles que estiveram na bancada com o íntegro intuito de apoiar a equipa, pois foram muito importantes na sua transcendência em campo e mostraram, também ali, que o Paços é unido.

Esta tarde regressamos à Mata Real com a firme vontade de reconquistar a nossa fortaleza. Não há mais desculpas para se desperdiçar pontos em casa, mesmo tendo o máximo respeito pelo difícil adversário que é o SCU Torreense. Queremos a entrada forte do jogo anterior, a mesma eficiência ofensiva e solidez defensiva, e o apoio dos indefetíveis nas bancadas. Cumpridos estes quatro quesitos, daremos um novo pulo na classificação e vamos reaver a Mata Real.

O marcador de um dos golos da vitória na Oliveirense é figura em destaque na presente «FCPF Magazine». Aos 21 anos, Diegão está a conquistar o seu espaço no «onze» pacense, após percorrer todas as etapas de formação no histórico Flamengo do Rio de Janeiro.

Ao ritmo da motivação que as vitórias propiciam, o defesa central fala-nos do seu percurso desportivo, das suas dificuldades e ambições, com uma certeza em mente: "Acreditamos cada vez mais no nosso grupo de trabalho, na equipa e na equipa técnica, que nos ajuda e dá muito apoio". Um espírito que queremos ver replicado nas bancadas.

A não perder também nesta edição o momento único em que a filha da antiga glória Chico Oliveira visitou pela primeira vez a Mata Real, ao encontro de uma histórica camisola do seu falecido pai. Registamos as emoções do momento.

O Paços equipará esta tarde de rosa, em emotivo apoio ao «Outubro Rosa» - campanha de consciencialização sobre a importância da prevenção e diagnóstico precoce do cancro da mama. Os atletas entram em campo com o nome e a companhia de resistentes mulheres que venceram a doença. Uma força que nos inspira para vencer as mais difíceis batalhas.

DESTAQUES DESTA EDIÇÃO



FCPF MAGAZINE

NÚMERO 107 - Outubro 2024

Textos e Design: Sara Alves | Fotos: Telmo Mendes e Liga Portugal

Impressão: PaçoPrint | Tiragem: 1000 exemplares | Distribuição Gratuita

“Acreditamos cada vez mais no nosso grupo de trabalho”

Depois de completar toda a sua formação no Flamengo, onde também se estreou como sénior, tinha chegado a hora de abraçar um novo desafio. Em agosto, Diegão deixou pela primeira o seu país para concretizar o sonho de jogar na Europa, e chegou à Mata Real com os objetivos bem definidos. Jogo a jogo, vai escalando novas etapas, e certo é que o FC Paços de Ferreira já deixou bem vincada a sua marca – não tivesse sido este o clube pelo qual fez o seu primeiro golo como atleta profissional.



Depois do último jogo, frente à UD Oliveirense, a conversa não poderia começar de outra forma: qual foi a sensação de marcar o primeiro golo pelo Paços, que foi, inclusive, o teu primeiro golo como profissional?

A sensação é de muita felicidade, não só para mim, como para toda a minha família. Tendo sido o meu primeiro golo como profissional, passou todo um filme pela minha cabeça, desde que eu era muito novinho até hoje, que estou a viver a minha primeira experiência na Europa, fora de casa – e estou muito feliz por estar aqui. Além disso, o golo não foi só importante para mim; acredito que foi também importante para o grupo, pois merecíamos muito esta vitória.

Uma vitória que a equipa já vinha a procurar há algum tempo, no campeonato.

Sem dúvida. Penso que merecíamos que a vitória tivesse já chegado antes, mas não aconteceu. Graças a Deus conseguimos os três pontos no último jogo e agora temos de continuar o trabalho. Foi um triunfo importante para nos dar confiança. Acreditamos cada vez mais no nosso grupo de trabalho, na equipa e

na equipa técnica, que nos ajuda muito e nos dá muito apoio. E é assim que vamos continuar, para podermos ganhar também este domingo.

Como é que o grupo trabalhou durante a semana?

Foi mais uma semana de trabalho. Nós sabemos que não é por termos vencido o último jogo que já está tudo bem. Há sempre algo que podemos melhorar, há sempre algo a corrigir, e esta semana não ia ser diferente. Como disse, a vitória trouxe confiança para a equipa, trouxe alguma leveza também, mas não é só por aí. Vamos continuar a trabalhar firmes para mais vitórias poderem aparecer.

Contrariamente ao que por norma é mais comum, digamos assim, é em casa que o Paços não tem conseguido somar pontos. Tem sido mais difícil jogar em casa do que fora?

Não, não. Acho que depende muito do adversário. No último jogo em casa, por exemplo, recebemos o Benfica B, uma boa equipa, e considero que foi um jogo bom. Tivemos oportunidades de golo, mas não

conseguimos concretizá-las – e eles sim. Não acho que seja mais difícil por ser em casa. Acredito, isso sim, que podemos dar uma boa resposta, tal como já o fizemos neste jogo fora. As vitórias vão acontecendo naturalmente, fruto de muito trabalho ao longo da semana. E deixo também desde já o meu pedido de apoio aos nossos adeptos, para este domingo. Venham apoiar-nos, torcer por nós, porque vamos dar o nosso melhor para podermos garantir os três pontos.

O que esperas deste jogo com o SCU Torreense?

A expectativa de que podemos fazer uma boa partida é sempre grande. Por isso o foco está em trabalhar, corrigir os erros cometidos no jogo passado para não os repetirmos, e sairmos vitoriosos contra o Torreense – dando, assim, a tão desejada vitória em casa aos nossos adeptos.

“Estou a perceber melhor como o mister gosta de ver jogar, como cada jogador gosta de jogar, e sinto-me cada vez melhor.”

Este teu arranque no Paços tem sido em crescendo. Chegaste, fizeste uns minutos logo na primeira jornada, seguiu-se uma fase sem jogar, depois assumiste a titularidade na Taça e tens-te mantido no «onze»... E agora houve o golo. Que balanço é que fazes deste início de época?

Confesso que foi um pouco complicado. [Risos] No primeiro jogo, devo ter feito uns oito minutos, mas fiquei muito feliz, porque era a minha primeira experiência fora de casa, fora do meu país – e tenho de agradecer a todo o grupo e à equipa técnica, que me acolheram muito bem desde o primeiro dia. Mas, sim, no início foi um pouco difícil, o verão também era muito diferente do verão do Brasil, mais seco, mas nada que os treinos não pudessem resolver, para que eu me adaptasse cada vez mais rápido. Agora, o que eu espero é fazer muito por esta camisola do Paços e ajudar os meus companheiros.

O que é que custou mais?

Acho que foi mesmo a parte física, porque eu estava há mais de cinco meses sem jogar. A minha última partida tinha sido em fevereiro. Acredito que tenha de haver sempre aquele período de adaptação normal, mas para mim foi um pouco mais difícil por ter estado esse tempo todo sem jogar. Mas agora estou cada vez mais integrado, a entender o estilo de jogo, a perceber melhor como é que o mister gosta de ver jogar, como é que cada jogador gosta de jogar também, e sinto-me cada vez melhor.

Já consegues identificar algumas diferenças entre o futebol português e brasileiro.

Sim, sem dúvida. No Brasil, joguei poucos jogos como profissional, mas dá para perceber desde logo as diferenças. Aqui o futebol é um pouco mais disputado, mais jogado. É um futebol mais aguerrido, diga-se. Mas jogar assim é muito bonito. Estar dentro de campo é uma felicidade enorme.

Como é que surgiu a proposta para vires para o FC Paços de Ferreira?

No mês anterior à minha vinda começamos a surgir as coisas. O meu empresário ligou-me, disse-me que havia o interesse do Paços, e claro que ao início ficamos com aquele receio de morar fora. Questionamos como é que vai ser, pensamos se nos vamos acostumar ou não... Mas não pensei duas vezes em vir para cá, porque jogar na Europa sempre foi um dos meus sonhos, e esta seria uma nova história que estaria a construir na minha carreira. Entretanto, uma pessoa que estava a intermediar a minha vinda para Portugal disse-me que o Anilson – que está na mesma empresa que eu – estava a gostar muito de aqui estar e deu-me algumas referências. Agora quero ser muito feliz e fazer história aqui.

Sendo esta, como já mencionaste, a tua primeira experiência fora do Brasil, o desafio torna-se anda maior? Até mesmo pela distância da família.

Eu vim com o meu pai para Portugal, ele está aqui comigo. Já a minha mãe ainda está no Brasil, mas pretende vir para cá no próximo

INTER=ESTORE



mês. E é claro que é difícil estar longe dela, dos meus tios, dos meus amigos, pois há imensas saudades, mas eu vim em busca do meu sonho, do meu objetivo – conquistar o mundo.

E como é que a família tem acompanhado tudo à distância?

Eles vão tentando acompanhar sempre que eu jogo. Neste último jogo, por exemplo, marquei e o meu pai enviou logo o vídeo do golo para eles. Mandaram-me mensagens, mostraram que torcem muito por mim, e isso é muito bom. Ainda não conheço muita gente cá, então é realmente bom ter esse apoio deles, pois acabo por não sentir que estou sozinho. O apoio da família, mesmo à distância, é muito importante. Faz a diferença. E essa energia positiva não é só para mim, como também para todo o grupo. Sei que a minha família torce pelo bem de todos.

No clube também há muitos brasileiros. Isso também acaba por ajudar na integração?

Sim, ajuda muito. Mas mesmo com os outros atletas eu dou-

me muito bem, como com o Joffrey, o Niang... Eles falam mais francês até, então tento aprender um bocadinho. [Risos] É um pouco difícil, mas dá para aprender. Sempre que dá, comunico com eles, divertimo-nos, há sempre conversa, nem que seja com alguém a traduzir. Tento sempre estar próximo, para também poder ajudar, porque eles largaram os seus países e vieram sozinhos para cá, então é bom sentirem esse carinho, sentirem-se acolhidos. É o que eu gostaria que acontecesse comigo, nessa situação, e é o que eles também fazem por mim. Acabamos sempre por nos identificar com as histórias uns dos outros.

Do que é que estás a gostar mais em Portugal?

O que eu gostei mais foi do mês passado, que era verão. [Risos] Agora este vento gelado já não me pega muito. E dizem que o inverno é doido. Vai ser complicado. [Risos]

E ainda não está muito frio...

Já está muito frio para mim! [Risos] Mas, sim, já me alertaram para os meses de dezembro, janeiro... Eu chego ao hotel e só fico coberto, já



está muito frio, mas desde que não faça uns -5°C , -10°C , tudo bem. [Risos] Eu habituo-me.

Antes da tua chegada ao Paços, o teu percurso no Brasil foi sempre no Flamengo. Como é que tudo começou?

Eu joguei um ano no Iguazu, um clube de futsal, quando tinha uns sete anos. Entretanto, o pai de um amigo meu – que jogou nessa equipa, mas já era do Flamengo – convidou-me para fazer um teste no Flamengo, se eu quisesse. Eu aceitei, e no meu primeiro teste passei. Cheguei a casa e disse logo à minha mãe. [Risos] No ano seguinte, como Sub-09, já era capitão de equipa, e foi assim que comecei a minha trajetória, dos 8 aos 21 anos. Quando fui para o Flamengo, ainda fiz futsal também, porque não havia campo nessa altura. Agora já há, mas naquela época só aos 12 é que passamos a ter campo e futsal. Então, ia para a escola de manhã, almoçava, ia para o treino à tarde no campo. e à noite era futsal. Era essa a rotina de todos os dias, desde pequenino.

Ficava perto de casa?

Não, não era perto. Era cerca



FIXPAÇOS[®]
fixing forward

de uma hora e meia de distância. Eu apanhava o autocarro em Nova Iguazu, onde nasci, depois disso apanhava o comboio, depois ainda tinha mais um autocarro e seguia para o treino no campo. Saía desse treino e ia de boleia para o futsal. Depois voltava para casa, quase sempre por volta das onze horas da noite. No dia seguinte, a mesma coisa. Por vezes, havia dias em que a minha mãe estava em casa e me levava.

Com a escola pelo meio. Conciliavas bem as duas coisas?

Era tranquilo. A escola era sempre de manhã e os treinos sempre à tarde, então não era um problema. Ia para a escola de manhã, seguia para a explicadora, almoçava em casa e seguia para os treinos. Quando tinha uns 15 anos é que passou a ser mais complicado, porque eu estudava à noite e às vezes tinha viagens para fora do país. Nesses casos, precisava de entregar a declaração na escola, porque não podia ir.

E eras bom aluno?

Sim. A minha disciplina favorita era Educação Física. [Risos] Não, também gostava de Português; de História não era muito fã; de Física mais ou menos; de Matemática sempre gostei... Mas História, para mim, era o pior.

E nunca te passou pela cabeça seguires outra carreira que não a de jogador de futebol?

Não, nunca passou. Às vezes tinha vontade de fazer outros desportos, porque vivíamos sempre neste mundo do futebol. Tinha alguma curiosidade em praticar outras coisas, mas nunca de seguir uma carreira, porque sou apaixonado pelo futebol. Mas se tivesse de escolher um, seria o basquetebol. Gosto muito e estou sempre a ver jogos.

Em algum momento ficaste a morar no centro de estágios ou ias para casa todos os dias?

Ia sempre para casa. Nos primeiros tempos, eu morava um pouco longe, mas depois percebemos que havia muito desgaste e seria importante morar mais perto. Então, passei a morar mais perto do campo de treinos e ia

todos os dias para casa. Ou seja, nunca cheguei a morar lá mesmo.

Jogaste desde o início na defesa ou começaste noutras posições?

Quando era mais novo, gostava de jogar como avançado, mas o meu pai disse "Não, não. Há muita concorrência, vamos lá para trás". [Risos] Então, comecei a jogar como central. No futsal também era fixo. E assim ficou, nunca mais tentei jogar na frente novamente.

O Flamengo é um dos maiores emblemas do Brasil. Entrar desde cedo num clube dessa dimensão é um grande contributo na construção do atleta?

Sim. Não só do atleta, mas também do homem. Diria que lhes devo a minha vida toda, porque fiquei lá todos esses anos. Cumpri todas as etapas, dos oito anos ao profissional. Na verdade, não esperava ficar tanto tempo no Flamengo. A idade vai passando e passa-nos também um filme do nosso percurso pela cabeça e eu penso "Como é que fiquei tanto tempo?". Nós trabalhamos todos os dias, damos o nosso melhor, esforçamo-nos, mas ter a noção de quantas pessoas começaram a jogar comigo e, atualmente, nem jogam mais futebol e fazem outras coisas... Ainda tenho contacto com alguns desses colegas, e sempre que é possível converso com eles e torço muito por eles, independentemente de estarem ou não no futebol. Mas é uma felicidade enorme continuar a seguir a minha carreira e estar aqui hoje.

“Acreditem em nós. Quando estivermos dentro do campo, vamos todos dar o nosso máximo e deixar a nossa vida ali dentro.”

Há pouco tinhas referido que chegaste a ser um dos capitães, logo no início. Foi algo que se foi mantendo?

Em todas as categorias era um dos capitães. Quem usa a faixa é que vai para representar, mas havia sempre outros líderes no grupo. Acredito muito nisso, mas não tenho problemas em usar a faixa ou não.



Veem-te como um bom líder de grupo?

Sim, sim. Aqui ainda me estou a soltar um bocadinho, mas acho que posso ajudar muito na comunicação.

Fazer toda a formação no mesmo clube ajudará também muito quando se chega à equipa principal. Coisa que tu conseguiste em 2023. Como é que foi dar, finalmente, esse passo?

Sim, ajuda muito, porque encontramos grandes equipas pelo caminho e isso ajuda na nossa formação e na construção da nossa maturidade também. A minha estreia foi um caso meio complicado. Então, era o Rodrigo Caio que estava a jogar como titular e ao intervalo ele acabou por sair. Aí entrou o Noga, que defrontamos ainda no último jogo com a Oliveirense, só que, infelizmente, teve uma lesão. E foi assim que me pude estreiar naquele dia.

Ou seja, não estavas à espera.

Não, não. Eu era, praticamente, a terceira opção para entrar no jogo, então não estava à espera. Mas Deus quis que fosse naquele dia, e fui muito feliz.

E estavas nervoso?

Não. Até fiquei tranquilo. Mas confesso que naquele

dia não dormi. Depois do jogo, eu não dormi. [Risos] Ou seja, durante o jogo fiquei tranquilo, calmo, mas quando a partida acabou é que caiu a ficha.

Chegaste, portanto, a trabalhar com alguns dos teus ídolos.

Sim, com todos. David Luiz, Gabigol, Gerson, Everton Ribeiro... Todos eles. E deram-me sempre bons conselhos. O David, como jogou cá muitos anos, quando soube que vinha para o Paços ainda me fez algumas perguntas sobre o treinador, jogadores, porque talvez pudesse ter jogado contra alguns deles, mas eu ainda não sabia muita coisa.

Tens algum objetivo traçado para esta passagem aqui no Paços?

O meu objetivo é, claro, conquistar vitórias a cada jogo, mas o principal é, sem dúvida, ajudar o Paços a ir para a Primeira Liga. Esse é o meu objetivo.

Que mensagem gostarias de deixar aos adeptos?

Acreditem em nós. Quando estivermos dentro do campo, vamos todos dar o nosso máximo e vamos deixar a nossa vida ali dentro, para darmos alegrias aos adeptos, que bem merecem.



CAPTAÇÕES

Futebol Feminino

FC Paços de Ferreira

**Tu podes ser a próxima a
integrar uma das
equipas femininas que
defendem o amarelo!**

Treinos
Terças e Quintas
20:45
Sintético da Mata Real

Mais informação

www.fcpcf.pt/futebol-feminino

911 025 456 (Eva Carneiro)





Aprovada a distribuição equitativa das verbas de solidariedade da UEFA



No final do mês de setembro, as 34 Sociedades Desportivas que compõem a Primeira e Segunda Ligas aprovaram, de forma unânime, a proposta apresentada pelo FC Paços de Ferreira na Assembleia Geral da Liga Portugal. Tal proposta consistia na distribuição equitativa das verbas de solidariedade provenientes da UEFA também aos clubes da Liga Portugal 2 Meu Super, garantindo, desta forma, um apoio financeiro justo e equilibrado entre todas as Sociedades Desportivas.

O Fundo de Solidariedade da UEFA destina-se aos clubes que não estão presentes nas competições europeias, e, por um quadro normativo da UEFA, poderia ser apenas atribuído àqueles que fazem parte da Primeira Liga. Contudo, com esta decisão tomada por todos os 34 emblemas da Liga Portugal, a sua distribuição também incluirá os clubes do segundo escalão do futebol português, em prol da competitividade do futebol e da sustentabilidade dos clubes.

O FC Paços de Ferreira agradeceu publicamente ao futebol português, a todos os clubes e à Liga Portugal por acolherem e subscreverem a proposta apresentada.

Futebol Feminino: Primeira vitória no campeonato nacional



No último fim de semana, a equipa sénior de Futebol Feminino do FC Paços de Ferreira conseguiu a sua primeira vitória na III Divisão Nacional.

Na receção à AD Várzea FC, na Mata Real – em jogo a contar para a segunda jornada do campeonato – as atletas pacenses venceram por 4-2, com golos de Matilde (2), Iara e Érica. Na ronda inaugural, a equipa tinha perdido no terreno do Moreirense FC.



FC PAÇOS DE FERREIRA

SCU TORREENSE

CONHECE O ADVERSÁRIO DE HOJE



SPORT CLUBE UNIÃO TORREENSE
FUNDADO A 01 DE MAIO DE 1917

Os grupos de ingleses que começavam a chegar a Torres Vedras para trabalhar nas explorações de petróleo foram os grandes responsáveis por levar o "jogo da bola" até à região. Os jovens da cidade ficaram rendidos e daí surgiu a fundação do, então, Sport União Torreense em 1917 - nome que se manteve até 1945, quando, por razões legais, foi acrescentada a palavra 'Clube', confirmando-se a mudança para a designação que hoje conhecemos, Sport Clube União Torreense.

O futebol é, por isso, a modalidade mais antiga do clube. Em 1954/1955, o SCUT sagrou-se campeão nacional da II Divisão, cumprindo a estreia na I Divisão na época seguinte - época essa em que foi finalista [vencido] da Taça de Portugal, juntamente com o FC Porto. No campeonato, alcançou a sétima posição da classificação final, sendo este o seu melhor resultado de sempre. Mais recentemente, na temporada 2021/2022, o emblema de Torres Vedras foi campeão da Liga 3, precisamente no primeiro ano de existência da prova.



Estádio Manuel Marques
Torres Vedras
2431 lugares

HISTÓRICO DE CONFRONTOS

10 jogos (desde 1990)

Vitórias

6

1

Golos

19

8

MAIOR VITÓRIA FCPF EM CASA



A primeira vez que FC Paços de Ferreira e SCU Torreense estiveram frente a frente foi na Mata Real, também na oitava jornada, mas da Divisão de Honra. A 21 de outubro de 1990, Quim, Radoslav Zdravkov e Duca foram os marcadores de serviço na vitória pacense por 3-0. Na temporada 1994/1995, os Castores voltaram a vencer pela mesma margem, mas com outro resultado - 4-1, com golos de China (2), Valdney e Adalberto.



SOLVERDE.PT



LIGA PORTUGAL 2 **Meu Super**



MELHOR MARCADOR	7	PONTOS	9
RUI FONTE - 2 GOLOS	8	GOLOS MARCADOS	9
JOÃO CAIADO - 2 GOLOS		FORMA	
E D D D V	13	GOLOS SOFRIDOS	10
		FORMA	V V V D D

ÚLTIMO JOGO DO TORREENSE

Na sétima jornada da Liga Portugal Meu Super, o SCU Torreense defrontou o CD Tondela no Estádio Manuel Marques, não tendo conseguido somar qualquer ponto. A equipa visitante, que se mostrou mais confortável ao longo da partida, chegou à vantagem logo aos dez minutos, por intermédio de Tiago Manso. E ainda que o conjunto de Torres Vedras fosse tentando chegar ao empate, a verdade é que os beirões deram sempre uma melhor resposta. Já no segundo tempo, aos 77', foi assinalada uma grande penalidade a favor do CD Tondela, e Roberto, chamando a converter, não desperdiçou o 0-2 - fechando, assim, o resultado. Esta foi a segunda derrota consecutiva para o SCUT, que, na ronda anterior, tinha sido também batido pelo GD Chaves. No campeonato, até ao momento, os torreenses ainda só venceram ou perderam, não registando, por isso, qualquer empate.



LEMBRAS-TE DELE?

RÚBEN PINTO teve uma curta passagem pela Mata Real, em 2014/2015. O médio chegou no mercado de inverno, por empréstimo do SL Benfica, e fez 14 jogos e um gol. Esta temporada reforçou o SCU Torreense, onde leva três jogos, depois de oito anos entre Bulgária e Hungria.

PAÇOS NA HISTÓRIA

O LEGADO FICA PARA SEMPRE



LFM

— FOLHAS DE MADEIRA —

O FC Paços de Ferreira são as pessoas: os adeptos que apoiam nas bancadas e defendem o clube em todos os momentos; as Direções e os funcionários que trabalham em prol do seu crescimento; os treinadores e atletas que lutam pelos resultados dentro de campo... e as respetivas famílias. E esta é, precisamente, uma história de família – a do Paços e a de sangue. É parte da história de Beatriz e do pai, Chico Oliveira.

Momentos especiais estão, muitas vezes, à distância de uma chamada. Este é um desses casos. Beatriz Oliveira entrou em contacto com o FC Paços de Ferreira com o propósito de conhecer um pouco mais aquele que foi o trajeto do seu pai enquanto atleta profissional. Falamos de Chico Oliveira, o defesa central alto, esguio e muito rápido, que marcou posição na época de estreia do clube na I Divisão, em 1991/1992. Nessa temporada histórica, atuou em 22 jogos no campeonato, repartindo o lugar com outras duas figuras inesquecíveis do setor no Paços: Adalberto e Sérgio Cruz.

De carácter afável e de fácil integração na comunidade pacense, manteve-se na Capital do Móvel durante mais duas temporadas, perfazendo um total de 85 partidas pela equipa e tendo somado dois golos ao currículo. Com a descida do clube à Segunda Liga, Chico Oliveira mudou-se para o SC Salgueiros, mas a ligação aos amigos criados na cidade manteve-se. Após terminar a carreira de futebolista, já no início dos anos 2000, iniciou a de empresário de jogadores. E assim foi até à fatídica madrugada de 1 de outubro de 2006, dia em que um despiste no carro que conduzia na A3 foi fatal.

Aquilo que sempre fica são as memórias e o legado. E das ligações estabelecidas noutros tempos florescem novas. “O Paços era um clube pelo qual o meu pai tinha muito apreço, então, por si só, já tinha pensado em fazer esta visita. No entanto, o que fez com que eu decidisse finalmente vir, aconteceu através de um grupo do Facebook. Um senhor fez uma partilha dizendo que tinha uma camisola do meu pai em casa, autografada e oferecida por ele, e que tentou encontrar um familiar para a devolver. Como não encontrou ninguém, fez o que o coração mandou e devolveu a camisola ao clube a que pertencia. Então este foi o ponto de partida”, confidencia Beatriz.

A paixão de Chico Oliveira por motas, no qual era seguido por Paulo Sérgio, Soares e Carlos Carneiro, era bem vincada, sendo normal a sua chegada aos treinos montado no potente veículo de duas rodas. Não é, por isso, de estranhar, que a história da camisola esteja também relacionada com isso: “Depois de sair do Paços, o meu pai esteve noutro clube e havia um menino, na altura, que via os treinos, gostava muito dele e pedia-lhe muitas vezes uma camisola assinada, porque o conhecia. O meu pai tinha uma ligação muito boa com esse menino e, dizia-lhe para ficar na parte de cima do estádio a ver o treino e a olhar pela mota dele, que ficava do lado de fora do estádio. Em troca, dava-lhe umas moedas – e, pelo que me disse o senhor agora, na altura era bastante dinheiro. No final do treino, deixava o menino em casa e a mãe até lhe agradecia pelo gesto. Certo dia, o meu pai deu-lhe a camisola, assinou e o senhor guardou-a, intacta. Até a devolver ao Paços – e acho que fez bem, porque acredito que o meu pai também iria achar gratificante saber que a camisola continuaria a ser guardada com tanto carinho no clube”.

A última parte podemos, efetivamente, confirmar. E foi então na visita à Mata Real, que pela primeira vez, Beatriz esteve com uma camisola de jogo do pai. “Fiquei com o coração cheio, mesmo, porque não estava nada à espera de que a camisola estivesse, sequer, em tão bom estado. Aliás, inicialmente, nem esperava que ainda existisse alguma camisola que tivesse sido mesmo

Joma

dele, então pensei que nunca teria a oportunidade de ter alguma na minha mão. Fiquei mesmo muito feliz, vai ser uma memória que vou guardar para sempre, porque esta é a história dele e, consequentemente, é a minha história”, revela.

Pelos corredores do Estádio Capital do Móvel, Beatriz percorreu os mesmos caminhos que o pai. Cruzou-se com pessoas que o conheceram e com quem partilhou momentos. Ficou a saber mais sobre o seu percurso e sobre o clube que o acolheu durante três épocas: “Foi bom perceber que ele teve um papel importante, porque era um bom defesa central, era bom com a equipa, tinha um grande espírito de grupo... Era a boa disposição em pessoa, tanto dentro como fora de campo. Por isso, é gratificante saber que o meu pai ajudou o clube”.

“Já tinha também algum apreço pelo Paços de Ferreira ainda antes de o ter visitado, mas o facto de ter tido esta oportunidade, de descobrir toda a sua história, acabou por me fazer gostar ainda mais, e desejo que o clube regresse à Primeira Liga, de onde, aliás, nunca deveria ter saído. Tenho mais um clube no coração – não só por aqui ter jogado o meu pai, e este ter ficado sempre um bocadinho o clube do seu coração, mas por toda a amabilidade com que me receberam e trataram, do primeiro ao último minuto”, acrescenta.

A história não se apaga nem se esquece – vai, aliás, vendo serem-lhe acrescentados novos capítulos. Como nesta situação. A camisola de Chico Oliveira continuará na Mata Real, precisamente com esse propósito: “Futuramente, quando existir um museu, sei que essa camisola vai estar lá exposta, e quem o visitar saberá quem era o Chico Oliveira. Conta muito de uma história que, infelizmente, não foi possível continuar a ser escrita na primeira pessoa – isto porque também soube que o meu pai, já como agente, continuava a visitar muitas vezes o Paços. Mas acaba por haver sempre uma continuidade, uma outra forma de a contar, e o lugar dele no Paços de Ferreira nunca vai ser esquecido”.





OUTUBRO ROSA

Mês de prevenção do cancro da mama

“Outubro Rosa” (ou Pink October, em inglês) é o nome dado ao movimento que nasceu nos Estados Unidos da América, na década de 90, e que tinha como objetivo inspirar a mudança e mobilizar a sociedade para a luta contra o cancro da mama. Atualmente, e já com representação em todos os cantos do mundo, o Outubro Rosa pretende homenagear as mulheres que enfrentam a doença, sensibilizar para a prevenção e diagnóstico precoce e apoiar a investigação nesta área.

Conversar. Esclarecer. Sensibilizar. Passar a mensagem. As etapas são simples e com palavras podem salvar-se vidas. O décimo mês do calendário veste-se de cor-de-rosa para nos alertar para um importante problema de saúde pública, que em Portugal, por ano, afeta mais de 9.000 mulheres e é fatal para cerca de 2.000 – o cancro da mama. Segundo dados estatísticos de 2024, este é o tipo de cancro mais frequente no país e no mundo, e, ainda que seja mais comum na mulher, 1 em cada 100 casos desenvolve-se no homem.

É certo que não são conhecidas as causas exatas para o aparecimento do cancro da mama. Contudo, há fatores de risco já devidamente identificados, de acordo com o site da Liga Portuguesa Contra o Cancro:

- O maior fator de risco é a idade, uma vez que 80% de todos os tipos de cancro da mama ocorre em mulheres com mais de 50 anos;
- Uma mulher que já tenha tido cancro numa das mamas tem maior risco de ter esta doença na outra;
- As alterações em determinados genes, transmitidas pelos pais, estão na origem de cerca de 5% a 10% dos casos;
- O excesso de peso aumenta o risco de desenvolvimento de cancro da mama;
- O consumo de tabaco ou o consumo excessivo de álcool estão associados ao desenvolvimento de vários cancros, incluindo o da mama;
- A primeira menstruação em idade precoce (antes dos 12 anos) e uma menopausa tardia (após os 55 anos) são, também, fatores de risco.

Apostar na prevenção é fundamental para que se possa chegar a um diagnóstico precoce e ao respetivo tratamento. Se assim for, a taxa de cura do cancro da mama é superior a 90%. Por esta mesma razão, recomenda-se que mulheres com 40 anos ou mais façam uma mamografia anualmente ou em cada dois anos. No caso das mulheres que apresentem um

risco aumentado de ter cancro da mama, é aconselhável que falem com o seu médico sobre a realização de uma mamografia antes dos 40 anos e sobre a frequência das seguintes. Atualmente, o Programa de Rastreio de Cancro da Mama, desenvolvido pela Liga Portuguesa Contra o Cancro em estreita colaboração com os Cuidados de Saúde Primários, cobre todo o território nacional, utilizando, sobretudo, unidades móveis que se deslocam de dois em dois anos a cada concelho, assim como unidades fixas. Neste seguimento, são também enviadas cartas-convite às mulheres em idade rastreável (50-69 anos) inscritas nos Centros de Saúde, para a realização gratuita de uma mamografia.

Fazer o autoexame da mama regularmente e sempre na mesma altura do mês é também algo a ter em conta para conhecer bem as características mamárias e identificar alterações – não esquecendo que não substitui de maneira nenhuma os exames de rastreio. O autoexame inclui a observação e a palpação de cada mama e axila - por esta ordem. É, por isso, importante, estar atenta a eventuais sinais e sintomas, como:

- Qualquer alteração na mama ou no mamilo, quer no aspecto quer na palpação;
- Qualquer nódulo ou espessamento na mama, perto da mama ou na zona da axila;
- Sensibilidade no mamilo;
- Alteração do tamanho ou forma da mama;
- Retração do mamilo (mamilo virado para dentro da mama);
- Pele da mama, aréola ou mamilo com aspecto escamoso, vermelho ou inchado; pode apresentar saliências ou reentrâncias, de modo a parecer “casca de laranja”;
- Secreção ou perda de líquido pelo mamilo.

Atenção e prevenção fazem toda a diferença. À medida que as investigações sobre o cancro da mama avançam, são também descobertos novos dados acerca das suas causas e novas formas de prevenir, detetar e tratar esta doença.

Testemunho de partilha, união, esperança



Em fevereiro de 2023, Cristina Brandão recebia a notícia que ninguém queria ouvir. Dias antes, durante um duche, deu conta da presença de um nódulo que a deixou alerta. “Encontrei sem procurar”, refere. Na semana seguinte, tinha, por acaso, consulta de rotina com a sua médica de família, e aguardou. Nessa consulta, depois da palpação, foram pedidas uma mamografia e uma ecografia com urgência, que Cristina conseguiu fazer no mesmo dia. No dia seguinte, já estava de novo com a médica e com os resultados. O formato do tumor com três centímetros levou a crer que não fosse nada de muito grave, mas a biópsia confirmou o contrário: “Uma semana depois da biópsia, tive consulta para saber o resultado, e o médico disse-me logo que não tinha boas notícias para me dar. Nas palavras dele, ‘o tumor é dos piores, pois cresce muito rapidamente, mas, por outro lado, é do tipo que responde melhor aos tratamentos. Por norma, desaparece com a quimioterapia’”. E no final desse mesmo ano confirmou-se: “Ele desapareceu na totalidade”.

NorteCar
automóveis

Cristina soube desde o primeiro dia a jornada que tinha pela frente: nos seis meses anteriores, esteve a acompanhar de perto o caso de uma colega. “Vivi muito de perto isso e ajudou-me a preparar. Mal eu sabia que ia passar pelo mesmo”, conta. Quando soube que ia fazer quimioterapia, foi desde logo informada que o cabelo iria cair e quis preparar-se: “Podia preparar-me para optar por usar perucas ou turbantes e procurei logo uma casa de perucas. Queria um cabelo igual ao meu, aos caracóis. Mas não me identifiquei com nenhuma”. Foi nessa altura que uma das enfermeiras a aconselhou “a falar com a Helena”, presidente da associação Testemunhar é Ajudar – Núcleo de Apoio ao Centro de Mama do Hospital de São João. “Não há nada como falar com quem já passou pelo mesmo. Quando lá cheguei, estavam três pessoas que me contaram as suas histórias. Hoje, sou mais um membro da associação, faço workshops onde falo da minha história, do meu processo, com pessoas que estão neste momento a passar a pior fase. Falando da situação em si, pode-se transmitir a positividade que eu consegui ter, e ajudar quem se encontra na mesma situação”.

Na Testemunhar é Ajudar, a proximidade, a ajuda e o apoio são peças-chave desde o primeiro momento. Há uma constante troca de ideias, tiram-se dúvidas e dão-se conselhos que permitem, na medida do possível, melhorar a vida de cada mulher que esteja a enfrentar a doença. Além dos workshops, na associação Cristina faz também os enchimentos em algodão (para soutien) que são oferecidos a quem teve de retirar a mama, no Hospital de São João. “Há ainda quem faça turbantes e os venda a preço simbólico para a associação conseguir algum dinheiro; há quem entregue perucas na associação para serem entregues a quem delas precisar... Há muitas formas de ajudar”, diz. Ainda durante este Outubro Rosa, por exemplo, será apresentado o VI Calendário Solidário 2025, que será uma forma de apoiar a associação. E Cristina fará parte dele, representando, precisamente, o mês de outubro.

Cristina é agora um dos rostos da esperança. Fala abertamente da sua história e esclarece quem a procura. No decorrer da sua jornada, diz nunca se ter sentido mal – nunca parou, aliás, de trabalhar, e reconhece que isso também teve o seu contributo na recuperação, pois obrigou-a “a ocupar a cabeça”. No entanto, sabe que nem todas as pessoas podem ter essas condições, e deixa um outro conselho: “Não ouvir tudo o que nos dizem. O que corre mal a uma pessoa pode correr bem a outra. Cada corpo é um corpo, cada cancro é um cancro, e, às vezes, ao mesmo cancro as pessoas não respondem da mesma maneira. Acredito que o otimismo conta muito. Devemos falar com quem nos levante a autoestima”. Sejamos todos capazes de desempenhar esse papel.



 [testemunhareajudar](#)

 facebook.com/testemunhareajudar


Caldas de
Penacova
Água Mineral Natural

RECORDA O ÚLTIMO JOGO

JORNADA 7 LIGA PORTUGAL MEU SUPER | 05 OUT 2024 | ESTÁDIO CARLOS OSÓRIO

UD OLIVEIRENSE 0-2 FC PAÇOS DE FERREIRA

(0-1) DIEGÃO, (0-2) JOÃO CAIADO



O mister Ricardo Silva repetiu o «onze» do jogo anterior, com o SL Benfica B



Diegão fez o seu primeiro golo pelo Paços e também como profissional



Os adeptos Paçenses estiveram presentes em Oliveira de Azeméis

Uma outra visão do jogo
FCPF SIDELINE



YouTube @FCPF



O 0-2 foi da autoria de João Caiado, que soma agora três golos esta época



Atento, Marafona manteve a baliza a zero



No final do encontro, o camisola 6 recebeu o prêmio de Homem do Jogo

PRÓXIMO JOGO

3.ª ELIMINATÓRIA DA TAÇA DE PORTUGAL

PAÇOS - VITÓRIA

19 OUTUBRO | 16:15H | ESTÁDIO CAPITAL DO MÓVEL



PAÇOPRINT
artes gráficas

PaçoPrint
À sua marca gráfica

